GALILEU lançará concurso para homenagear a primeira grande mobilização ambiental do Brasil

CRISTINA CHARÃO

Confira os detalhes na próxima edição

VAZIOS DO PROGRESSO

Os mapas mostram o custo da expansão indiscriminada das cidades e fazendas no Brasil. As florestas mais degradadas são as de regiões em que o desenvolvimento chegou antes de as idéias dos pioneiros ambientalistas ganharem força

A primeira comemoração do dia da árvore no Brasil, no dia 7 de junho de 1902, nem de longe lembra aquelas que durante muitas décadas foram realizadas. Em uma época em que nada era mais importante no país do que as estradas de ferro e o plantio do café, a única "consciência ecológica" que se tinha era a necessidade de alimentar as fornalhas das locomotivas com carvão e derrubar florestas para dar lugar aos cafezais. Se os protestos contra a devastação feitos por um pequeno grupo de cientistas (alguns brasileiros, mas a maioria estrangeiros aqui radicados) pareciam sem sentido, nesse cenário em que o verde nativo valia quase nada, comemorar um Dia da Árvore era praticamente insanidade. Mas eles comemoraram mesmo assim. Liderados pelo sueco Albert Löfgren um dos pioneiros da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, um dos órgãos de pesquisa ambiental precursores no Brasil , os ambientalistas realizaram em Araras, um dos principais centros cafeicultores de São Paulo, a primeira Festa da Árvore. Um decreto federal de 1965 mudou a data da comemoração para 21 de setembro (nas regiões Sul, Sudeste e Centro Oeste) e para a última semana de março (no Norte e Nordeste, escolhida por ser o início do período de chuvas). O espírito da festa, no entanto, permanece.

FLORESTAS ORIGINAIS

Antes da chegada de Cabral, eram poucos os espaços vazios: a Amazônia estendia se até o Maranhão e o litoral, assim como o Sul e o Sudeste, eram cobertos pela Mata Atlântica

A inspiração veio do Arbor Day americano, comemorado por lá desde 1882 em 22 de abril. Mas se a data nos Estados Unidos lembrava o trabalho de J. Sterling Morton em convencer a população a plantar árvores para compensar o estrago feito pela indústria madeireira, por aqui a intenção de Löfgren e companhia era tentar despertar o instinto de preservação.

Verde perdido

Foram precisos 80 anos para que desenvolvimento e respeito ao meio ambiente passassem a ser idéias associadas no Brasil. Mas aí, o estrago já estava feito. No Estado de São Paulo, restavam apenas 5% da cobertura florestal original. Da Mata Atlântica, que cobria quase toda a faixa litorânea do Brasil, sobraram 7%, e 14% da Floresta Amazônica já havia desaparecido. Essas áreas praticamente não foram recuperadas. Apesar de alguns dados indicarem uma maior preocupação do governo, das indústrias e da sociedade com a preservação florestal, os remanescentes nativos continuam a desaparecer.

O QUE RESTOU

Cinco séculos depois do descobrimento, 93% da Mata Atlântica desapareceu e 15% da Amazônia perdeu se para sempre. O total da devastação foi de 2,7 milhões de km²

Felizmente, o ritmo do desmatamento diminuiu. De 1994 a 1995, a devastação na Amazônia foi de 29 mil quilômetros quadrados. De 2000 a 2001, essa taxa de deflorestamento bruto diminuiu para 19 mil quilômetros quadrados, segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). A área devastada em todo o território brasileiro cresce cerca de 13 mil quilômetros quadrados anualmente. Nesses últimos 20 anos, também aumentaram significativamente os investimentos em plantios de florestas. Realizados com árvores de rápido crescimento ao contrário das centenárias espécies nativas , eles oferecem madeira e polpa vegetal, ajudando a reduzir a pressão do homem sobre as florestas naturais. E é em torno desse tema que GALILEU anunciará seu concurso na próxima edição.

Anote

Para navegar Sociedade Brasileira de Silvicultura (SBS) www.sbs.org.br Secr. do Meio Ambiente do Estado de São Paulo www.ambiente.sp.gov.br Fundação SOS Mata Atlântica www.sosmataatlantica. org.br Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) www.inpe.br

Para ler A Ferro e Fogo A história e a devastação da Mata Atlântica brasileira, Warren Dean. Cia das Letras. São Paulo. 1996